

Barroco Ardente e Sincrético – Luso-Afro-Brasileiro

Museu Afro Brasil,
São Paulo, 3 ago. 2017-4 mar. 2018

Sílvia Barbosa Guimarães Borges

Barroco é termo plural impregnado de historicidade. É, em sua essência, anacrônico. Integra passado e presente, talvez futuro. Sua pluralidade vai além do tempo e perpassa aspectos das religiosidades sincréticas que marcaram o Brasil colonial, e que ainda se fazem atuais.

Como categoria artística – em seu sentido amplo, muito além do estilo wolffliniano – o barroco traduz uma espécie de mito fundador da arte brasileira. Designa a arte de uma época marcada pela religiosidade, ou mesmo um modo de ser no mundo. É, portanto, termo mutável utilizado em diferentes períodos, por variados autores e de maneiras distintas.

Para Emanuel Araújo, diretor e curador do Museu Afro Brasil, “o barroco é um movimento contínuo na cultura brasileira”. E é esse movimento que dá ritmo a Barroco Ardente e Sincrético – Luso-Afro-Brasileiro. Pouco, ou quase nada, explicativa a exposição centra-se mais nas obras e em suas narrativas do que em pressupostos elucidativos. Com uso de raros textos, a curadoria concentra-se na composição de espaços que integram fragmentos de um barroco iniciado por projeções das pinturas de teto e despedindo-se ao som do maracatu.

A música parece constituir liga entre os objetos, de tal modo que é também um elemento expositivo. É ela a responsável pela cadência que encaminha o espectador para – e por – uma experiência visual. Talvez seja esse o convite mais atraente de Barroco Ardente e Sincrético. O convite à



Réplica
Frei Agostinho da Piedade, São Agostinho Arrependido
séclo XII, terracota monocromada, coleção particular

experimentação, sem preocupação de mediar explicações, ensinamentos, conceitos, práticas.

Sobre o título dado à exposição o curador chama de

ardente a questão da tropicalidade do barroco, evocando o trabalho com a madeira e a mecânica dos afrodescendentes. É também sincrético a partir dessa vertente que engloba o lado profano das festas religiosas, como o bumba meu boi do Maranhão, que celebra



Ao centro, Oratório eremita
século XVIII, madeira policromada, coleção particular

o São João, a cavalhada de Pirenópolis, em Goiás, os reisados de Alagoas e os cortejos dos maracatus de Pernambuco. O barroco, para mim, é um movimento que não tem fim. É contínuo na cultura brasileira. Vem de Portugal, mas encontra aqui o campo ideal para essa construção de identidade.¹

As palavras de Emanuel Araújo apontam dois aspectos. O primeiro vincula diretamente a arte barroca presente na exposição com a mão afro-brasileira – para usar termo caro ao próprio

artista/curador. Cabe destacar que essa exposição, diferente de tantas outras dedicadas ao tema do barroco, toma a presença dos africanos no Brasil e de seus descendentes como eixo central. É essa a contribuição e o elemento integrador entre as obras e o Museu que as recebe. Mais do que citar grandes nomes da arte colonial ou referendar trabalhos atribuídos a artistas renomados, a mostra propõe reflexão sobre seu “lugar de fala”. Seu ponto de origem e seu destino, ambos vinculados às mãos de artistas afrodescendentes.



José Joaquim da Veiga Valle, São Miguel Arcanjo
século XIX, madeira policromada e prata, coleção particular

O segundo aspecto que surge como pano de fundo de sua vertente sincrética é a perspectiva da longa duração do barroco, que atravessa o tempo sendo reinventado pelas práticas culturais populares de um imenso e diverso Brasil.

Pelas galerias modernas, projetadas por Oscar Niemeyer, estão disponíveis aos olhos dos visitantes oratórios de diversos tipos e tamanhos, talhas ornamentais, fragmentos de retábulos, mobiliários, pinturas, esculturas em madeira e terracota, objetos litúrgicos em prata, cerâmicas, ex-votos, além de indumentárias e máscaras. Compondo os ambientes há reproduções de painéis de azulejos decorativos e figurativos, bem como de retábulos que se encontram em igrejas coloniais.

Destacam-se – como não poderiam faltar – trabalhos de Aleijadinho, Mestre Valentim e Leandro Joaquim. Saltam aos olhos, contudo, as

obras de Xavier das Conchas e as quatro pinturas de José Teófilo de Jesus dedicadas às alegorias dos continentes.

O panorama apresentado faz rememorar a exposição *O Universo Mágico do Barroco Brasileiro*, que esteve na Galeria de Arte do Sesi (São Paulo), entre março e agosto de 1998. É como se, ao revisitar o barroco, Emanuel Araújo propusesse ao público outra perspectiva.

As duas exposições, entretanto, não indicam contraposição. Parecem complementares, pois mantêm como essência o entendimento do barroco atrelado a uma certa brasilidade, forjado pela soma de variadas expressões artísticas. Após duas décadas, o curador retoma o barroco, que não cessou de mudar.

Essa filiação se confirma com o catálogo de *Barroco Ardente e Sincrético – Luso-Afro-Brasileiro*. Lançada nos últimos dias da mostra, a publicação reedita vários artigos do catálogo de *O Universo Mágico do Barroco Brasileiro* – que se tornou obra de referência para os estudos do período colonial.

É a ideia de movimento que torna essa exposição singular. É o movimento que rompe com as amarras classificatórias e formais, permitindo saltos temporais – quiçá anacrônicos.

NOTA

1 Serviço Exposição Barroco Ardente e Sincrético – Luso-Afro-Brasileiro. Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/programacao-cultural/exposicoes/temporarias/detalhe?title=%E2%80%9CBarroco+Ardente+e+Sincr%C3%A9tico+-+Luso-Afro-Brasileiro%E2%80%9D>>. Acessado em: 15.3.2019.